



# A PENNA

ORGÃO DA BIBLIOTHECA DO CLUB DOZE DE AGOSTO

ANNO I

N. 1

Redacção e Collaboração

ESTADO DE SANTA CATARINA

Assignatura

DIVERSOS

Publicação quinzenal

DESTERRO, 1 DE JANEIRO DE 1903

Por mez. . . 18000

Aos domingos

*A Penna cumprimenta aos  
nhos socios do Club Doze de Agosto  
e as suas excellentissimas fa-  
mílias.*

*1.º de Janeiro de 1903.*

## A PENNA

Somos orgão do CLUB DOZE DE AGOSTO.

A nossa razão de existencia vem, sobretudo, da convicção de que o mundo da palavra e a vida humana tem uma grandeza e amplitude para dar lugar a todos.

O ideal do nosso tirocinio de imprensa será radicalmente opposto ao molde das paixões que dividem profundamente um mesmo povo e uma mesma sociedade, em parcelas que extremam-se e aggridem-se, embaraçando a disciplina commum dos espiritos, impedindo a convergencia e a unificação de elementos cuja complexidade determina o verdadeiro progresso social.

Não temos bandeira politica.

Queremos ser uma revista litteraria rigorosamente, e d'ahi porque esta folha ha de procurar ater-se em posição onde o attrito das personalidades é só concebivel sobre pontos de idéas que subordinem-se ao esforço da perfeição geral do pensamento.

A Penna separa-se, em absoluto, de preconceitos que, em verdade, ainda façam época em alguma das diversas camadas do espirito publico, e toma por base da sua conducta as normas triumphantes que estão imprimindo feição nova à Litteratura.

Não veja-se n'isto, porém, a louca pretensão de modificar a orientação dos collegas com quem, por fundamento de escola, estejamos em profunda divergencia, ou de servir a ambições piégas, que repugnamos.

Está tambem em nosso programma, porque é da nossa educação, observar na acção desta folha a polidez que a civilidade aconselha.

E, de resto, o que pedimos é que os nossos consocios e o publico tenham a generosidade de acolher A Penna, si ella porventura merecer protecção.

## SOLDADOS DAS LETTRAS

Presenciamos actualmente no mundo litterario um bello espectáculo—a harmonia serena das vontades! Deliciosas assonancias!—às almas com o socego dos crepusculos,—os corações com a suavidade dos lagos azues!

E' preciso que sejam muitos para ser isto. Tirar da aza negra da tempestade a nuvem de rosa da bonança!

Fazer mais que a lyra magica de Orpheu—suspender a torrente dos desejos descontraídos, das inclinações adversas!

Identificar os dous grandes contrarios da creação—o homem e o homem!

Pois aqui tendes o seu segredo:—a penna.

Os convívios dos soldados das lettras são sempre ~~con-munhões~~. O seu dia nunca tem só posto: jamais acabam, porque sempre principiam.

A circulação de suas forças é como aquelle emblema antigo do tempo—não tem extremidades.

E' que ninguem pôde achar as pontas da tã-do infinito—o trabalho do homem.

Os soldados das lettras professam a virtude da persistencia e tem a sêde da continuidade.

Cada obstaculo que esmagam é um altar que erigem. O seu caminho tem muito destes marcos gloriosos.

Não é para admirar, pois, que para elles todo o logar seja um templo,—todo o homem illustrado um sacerdote.

Não ha energia sem concentração. E dizem os incultos que os litteratos se escondem! Não importa.

Todas as grandezas tem um ponto obscuro. A vida tem o embryão, o astro tem a penumbra.

Chamae-lhes os mineiros da sombra, mas lembrae-vos que é essa a região das origens. Lá é que se travam as batalhas surdas.

Já não concedem o direito de lhes perguntarem o que são e o que fazem.

Levantam-se, por toda a parte, não com o silencio da impessoalidade, mas com a força de uma organização definida.

E podem, assim, abrir logar para a unica cousa que ha absoluta e pratica—a fraternidade dos homens!

Fazem as obras do presente sem insultar os erros do passado.

Não são portanto o delírio dos sonhos, mas a paz das realidades.

Não os desanimam as paixões rebeldes da especie, os instinctos da materia, as inquietações da vida, as necessidades tristes.

Para qualquer lado que volvam os olhos acham a lição do conforto.

E' porque lembram-se do que acontece nas catadupas que se despenham temerosas.

Cada molecula de agua que cabe parece uma victimia que se despediça e desaparece em um turbilhão de vapor e de espuma. E, quando erguem o olhar, veem, por sobre essa scena de turvação, a curva graciosa de um arco cambiante,—uma linha immovel, placida, formosissima de colorido—que lhes annuncia—que toda a queda é um exaltamento, que toda a morte é uma irradiação.

31—12—92.

*Ed. Schutel*

### OS MORANGOS !...

Noute serena de verão.

A sala de jantar do velho Mendes estava illuminada e o ambiente saturado pelo perfume das jardineiras e pelas risadas sans e chrys-tallinas.

Ha alegria em toda a casa.

*Nené* completa as suas dezeseite primaveras e toda arteira e nervosa, mostrava ás suas curiosas amigas, a variada e artistica colleção de mimos que recebera. O velho pai, satisfeittissimo, elevava as virtudes e talentos da filha, n'um recanto da sala, em palestra com os companheiros de escriptorio.

De repente, entrou um creado, trazendo uma fructeira de porcellana, lavrada de flores chinezas e coberta com finissima toalha rendada.

N'um cartão assetinado, em lettra breve e firme, lia-se o offerecimento.

—E' de primo *Janjão*, esclama ella contente.

—Vamos ver o que é, disseram todos.

—Morangos: fructas de minha predilecção, respondeu *Nené*, apressando-se a experimental-os.

Uma longa e gostosa gargalhada ecoou.

*Nené*, com o rosto alagueado, com os labios muito vermelhos, entreabertos, deixava ver o morangosinho entre os dentes alvos, que tentavam quebral-o debalde.

Os morangos eram de vidro e admiravelmente imitados.

*Marques Leite*

O riso é o som do espirito. Ha risadas que tilintam bestamente como uma moeda falsa.

GONCOURT

### RETALHOS

I

Ao sul, grandes nuvens pesadas dessem e aquietam-se no horisonte.

O relampago, de espaço a espaço, risca a sua figura luminosa.

Ouve-se o rumor de trovões ao longe, e sente-se o ar morno e parado.

Mar em fóra, calmaria profunda, não! uma mancha em relevo.

Não ha sol.

II

Venta fortemente.

As navens levantam-se e movem-se, mais brancas e mais leves.

O horisonte está limpo e azul.

O mar todo parece uma grande tela estrelada.

E ao longe destaca-se e cresce o pequeno ponto de uma lancha de pesca, á vela, demandando a praia...

*E. Marius*

N

O chalet é azul  
frente para o Levan

Tem um jardimzinho ao lado, precioso e artistico, com frescura e sombras, quadriculado em moitas perfumosas de graminha tosada e estrelada de flores.

Colleiros, em bando, alegres esvoaçam e cantam pela ramaria verde-escura dos tenros pinheiros.

E, ao fundo, junto á arvore da magnolia, florida e frondente, onde o vento destoa petalas brancas aladas como um noivado; rutila, em fundo de verniz preto, sobre uma haste vermelha, esta diviza d'ouro, parnasiana e divina—*The Kiss, Os beijos*.

Do pombal cinzento sobem para o céu, vão para todos os lados, frémitos de azas, arralhos mansissimos de amor.

E' um ninho de canções e de venturas guardando a immensa e serenissima affeição de dous, transbordando de sol todos os dias! Ha dous mezes, mais ou menos, que ali mora um casal, um casal amantissimo e galante, feliz, attestado de bem, de luz e de todas as alegrias e gózos!

No aconchegamento e n'egoísmo de um sentimento exclusivo, na fruição de uma vida sentimental e superior, fugiram ássensações exteriores, isolaram-se do mundo!...

*Virgilio Varzea*

A nossa inveja dura mais tempo que a felicidade do homem que invejamos.

A. KARR

## CHROMO

*El. Alfama Lopes.*

No vasto quarto sombrio,  
Onde a tristeza se espelha,  
A mãe chorando amantíssima  
Do filho a cui po'ji cria.  
No ar rãosinho entendi-la  
De tristes flores oentes,  
O somno dos innocentes  
Dorme o anjinho deit'ado.  
Luz, um lindo peçoço,  
Saudoso, grave e sereno  
Na sua dôr infantil,  
Para á ním canto e molice  
Naquelle febre indolite  
Tão traçoira e tão vil!...

*Roberto Lages*

## HISTORIA DE UMA MARIPOSA

O astro rei do dia se havia occulto entre nubes de ouro que franjavam o poente.

Era chegado á hora da Ave Maria, hora em que o pensamento vã, ora agitado, pela saudade que arranca do infanso d'alma lagrimas e suspiros, ora agitado pela contemplação de bellezas infinitas que só no poder supremo podem ser criadas.

Uma brisa suave de mares sussurrava aromatisada no ambiente do habito que servira ao beijar a mizez das petalas de mimosas florinhas.

Um unico harmonioso vinha dentro a fallagem de vordejante e vordejo como a ultima sandrelo que alegres pissarilhos luzia no dia ha pouco amorofo.

Cerco-se a noite, a densa que no seu manto escuro envolve tantos mysterios.

Alex, no infinito, a briderramava na terra sua luz de um azul avelludado, deixando ver a encosta de pitoresca montanha uma pedregal choupam que reflectia-se poeticamente nas tranquillias aguas de um lago.

Enfadao a mariposa, de azinhas ligeiras, branca como a neve, mimosa como a jurity, aboleja innocentemente em redor de um foco de luz.

A inexperiente louquinha, sem medir o perizo em que estava, approximava-se da morte descrevendo aspiraes descendentes que o calor da luz fazia-lhe como que momentaneamente despertar seu instincto de conservação, afastando a logo do circulo de sua attracção.

Mas esse momento em que ella fugia era curto e ella voltando com mais vigor ao objecto de sua phantasia allucinda.

Assim levou algum tempo até que n'um momento de cegueira suas azinhas foram queimadas e ella cahiu voltada para o céu estorcendo-se convulsivamente.

Nesse momento, com grande bater de azas, penetrara em humilde cantinho da choupama, onde jazia a pobresinha, outra mariposa que pela rapidez e inconstancia do vôo parecia alguma coisa procurar.

Naquelle momentos em que predominava o susto, havia a agonia do soffrer moral, porquanto ella ia, voltava, pousava aqui, ali, até que vio a mariposa de azinhas ligeiras, branca como a neve, mimosa como a jurity, sem vida, n'uma expressão de arrendimento.

Então, cousa sublime, em linguagem de mãe que ralha e soluça, sangrado o coração, ouviu-se assim fallar:

«Porque fugistes aos carinhos meus, alegria de meu viver, esperança de minha velhice?»

Seduzio-te o brilho da luz e crias que o seu contacto não te despojará de tuas vezes brancas?»

Vé a triste e fatal consequencia de tua cabeça louquinha, a dôr horrivel hade atormentar-te as carnes e jamais voaras na fimpidez do espaço.

Crieste n'um berço mimoso que construí com finissima paina e ficastes pasma ao deixares teu leito macio ante essa variedade de encantos naturaes e ficticios que contém o mundo!...

Mas não respondes, porque não gemes, não choras?»

Ah!... Morta!... Sim, teus negros e vivos ollinhos sem brilho teu corpo já não!...

Nisto calou-se, um movimento convulsivo agitou-lhe o corpo e ella cahiu pesadamente no chão.

O tempo que durou aquelle desmaio foi curto, levantou-se como o obrio que combatera sem perder o instincto, tomou o cadaver da filhinha em seu corpo tremulo e n'um rapido vôo fenheo o espaço indo deposita-o entre as petalas de alvissima magnolia que recebiu em seu casto seio tumular a encantadora m'ripota de azinhas ligeiras, branca como a neve, mimosa como a jurity.

*Estacio Nello*

## A ACÇÃO SOCIAL DO ESTADO

Si essa lei universal de evolução, que preside a organização de todos os corpos, desde o corpo animal até ao corpo social, impoese com a mesma precisão de uma lei de physica, de uma lei de chimia, si e exacta a celebre theoria do Darwin, segundo a qual o —homem para chegar ao que hoje e, tenha, no desenvolvimento da especie, passado primeiramente pelos diferentes graus de igneancia e opulencia escala dos seres; que o Estado tal como o conhecemos hodiernamente não é mais que um producto de factores diversos, superabundando em primeira linha a familia e a tribo, aquella considerada pelos sociologos modernos —a cellula mais importante do organismo social, segundo se d'ahi que sendo o Estado a forma mais perfeita e completa das evoluções sociologicas, e que por Blunschli foi definido —uma reunião de homens em iradores constantes de um mesmo territorio e com vinculo unitario entre governante e governados — apresenta uma sociedade cujo tipo perfeito é a ultima consecração d'essa lei biologica da evolução que nos ensina que na formação dos organismos superiores passa-se do simples ao composto, do imperfeito ao perfeito.

Assim sendo, o Estado não mais apresentando o tipo rudimentar das primitivas manifestações da vida social, desenvolve-se em todos os ramos da actividade humana, devido, em grande parte, á intervenção d'acção administrativa que por medidas graciosas ou de policia, promove o incremento das industrias agricola, extractiva, manufactureira, commercial e de transporte, cura da saúde e assistencia publicas, da produção, distribuição, circulação e consumo das riquezas, da educação e d'instrucção publica, bem que não fosse justamente esse o sistema dominante na segunda metade do seculo passado; inteiramente desfavoravel a interferencia do Estado na vida da sociedade, caracterizada pela *no plus trop gouverner* de Argensau, pela celebre phrase do abade Galiani —o mundo caminha por si, ou então, mais precisamente, pelo *laissez faire, laissez passer* de Gournay, base da doutrina physiocratica.

O Estado que em ultima análise é o proprio homem, segundo o preceitua a philosophia grega nos ensinamentos de Platão e de Aristoteles, tem para J. Locke a missão de proteger a vida, a propriedade e a liberdade dos cidadãos, reunindo-se para isso em sociedades politicas, e, enquanto não o fazem vivem no estado de natureza, cujo concepção não é a mesma de Rousseau e dos philosophos que floreceram no XVIII seculo, pois para elle —fora do Estado tambem se vive em sociedade, sendo a sociedade e verdadeiro estado de natureza do homem.

A intervenção franca do Estado na vida social tem a sua razão de ser em necessidade de ordens politica e economica, e muito embora ainda hoje escriptores e economistas clamem contra ella, como no facto da obrigatoriedade do ensino, que reputam pernicioso e inefficaz, da assistencia publica que consideram desnaturar o fim do Estado, querendo dar livre curso a todas as diferentes formas da actividade individual, a universalidade da legislação a consagra como medida de necessidade suprema, indispensavel, fora da qual seria elle em vez de uma organização sadia, forte, exuberante de seiva, um organismo depauperado, anemico, tibio, sem energia, incapaz de um acto que demande uma resolução acertada.

*F. G.*

## GAZETILHA

Por motivos que lhe são conhecidos, cabe-nos o prazer de felicitar o nosso consocio Alfredo Juvenal da Silva.

DA IMPRENSA

Do nosso importante collega *O Estado*, de 28 do corrente, transcrevemos aqui as lisongei-ras palavras com que acolheu a noticia do nosso apparecimento:

«A primeiro de Janeiro, segundo nos infor-mam, teremos o prazer de contar com mais um collega de imprensa n' esta capital.

*A Penna* será seu titulo, e disporá de ha-beis pennas para advogar os interesses do po-pular Club 12 de Agosto, o veterano na especie.

Preparamos, desde já, ao novel collega os nossos applausos.»

Obrigado, collega!

STUART MERRIL

Esse singularissimo poeta é o autor de um livro de versos, de uma esthetica admiravel—*Les Gammes*.

Filiado á moderna feição symbolista, ein-gindo-se quasi exclusivamente no Vago, no eterno Vago, que caracteriza essa escola, este li-vro produziu em França, onde foi publicado, uma admiração profunda pela forma original e ex-traordinaria que reveste as suas produções.

Vibra em todo elle, como em todos os ver-sos de Verlaine e René Ghil, seus confrades, um doce sentimentalismo que evoca ao espirito sensações suaves, todo cheio de uma observação fina, psychologia de gabinete elegante, subtil, como vapores de essencias.

*Vers vagues*—uma de suas melhores poe-sias, que ora transcrevemos, é um specimen do symbolismo que tende, brevemente, a succeder ás velhas escolas litterarias.

VERS VAGUES

*Le fréble frisson de murmures d'amour,  
M'ément ce soir les nerfs et vieillit ma memoire.  
La voix d'un violon sous la soie et la moire  
Me miaule des mots d'in-luctable amour.*

*La verveine se pâme en les caëses de jade;  
Un frintôme de femme en l'alcôce circule,  
Mais ma memoire est morte avec le crepuscule.  
Et j'ai perdu mon âme en les caëses de jade.*

*Oh ! mol est mon amour, vague est le violon !  
Un arôme d'horreur rôde en l'air délétère,  
Et je rêve de rêve en l'ombre du mystère...  
Mais oh ! la volupté veule du violon !*

Falleceu, no dia 17 do corrente, o presti-moso cidadão Antonio Joaquim da Silva Simas, pai do nosso consocio Jacintho Simas.

As nossas condolências.

Commissão encarregada para a reunião fa-miliar, de hoje:

Alfredo Juvenal;  
Nelson Costa;  
Crespo Junior.

Parabens

No dia 30 do corrente completou mais um anno de existencia—Mlle. Maria da Gloria Con-ceição, dilecta filha do nosso consocio F. Con-ceição.

Não pensem que o homem de talento seja pessoalmente á altura do seu talento.

Isto só acontece por uma excepção.

BALZAQ

De regresso

Vindo das plagas fluminenses, onde fôra recrear o espirito, acha-se n' esta cidade o nosso sympathico e talentoso consocio Arthur Fer-reira de Mello, a quem, com justo prazer, aff-etuosamente complimentamos

MOVIMENTO

da Bibliotheca do Club Doze de Agosto, d' 1 a 31 de Dezembro

Frequentaram esta bibliotheca 78 socios, que consultaram:

Romances . . . . .	63
Memórias . . . . .	7
Viagens . . . . .	5
Philosophia . . . . .	3
Historia . . . . .	1
Astronomia . . . . .	1
Jornaes . . . . .	57
Sahiram . . . . .	89 Livras
Entraram . . . . .	53

\*\*

Foram offertados a esta bibliotheca:

Pela Exma. Sra. D. Aurelina Laura Dutra—*Ubirajara*, por J. de Alencar, 1 vol.

Pelos cidadãos:

Anfiloquio Marques—*Les joyusetés*, por Armand Silvestre, 2 vols.

José Glavam—*O amor dos amores*, por H. P. Escrich, 3 vols.;

*O inferno dos ciúmes*, do mesmo autor, 2 vols.;

*Historia da Civilisação*, por Seignobs e Cohen, 1 vol.

Nelson Costa—*Geologia de Santa Catharina*, por Van-Lede, 1 folheto.

Manoel A. Fontes—*Parnaso Brasileiro*, por Mello Moraes Filho, 2 vols.

João Felix Cantalicio Costa—*Excursão na Italia*, por um brasileiro, 1 vol.

Luiz de Araujo Figueiredo—12 vols. bro-chados.

F. d' Assis Costa—*Descripção topographica de Santa Catharina*, por B. A. N. Azambuja, 1 vol.;

Um mappa do Brazil.

O bibliothecario  
Edgardo Schutel

Impr. no gab. typ. Sul Americano